



VOLUME – V. 4
NÚMERO – N. 1
JUN. 2026
ISSN: 2966-1439
P. 20-41

RACHILDE NA “REVUE DE LA QUINZAINE”: CRÍTICA LITERÁRIA NA REVISTA *MERCURE DE FRANCE* (1905)

RACHILDE IN “REVUE DE LA QUINZAINE”:
LITERARY CRITICISM IN *MERCURE DE FRANCE* (1905)

Camila Soares López ¹

RESUMO: Neste artigo, examinamos a contribuição de Rachilde, pseudônimo da escritora francesa Marguerite Eymery (1860-1953), na revista *Mercure de France*, que iniciou sua *série moderne* em 1890. Concentramo-nos, especificamente, em sua produção crítica referente ao ano de 1905, quando a tiragem do *Mercure* passou a ser bimensal. Por meio da rubrica “Les Romans”, Rachilde revelou suas percepções sobre a escrita de romances e, também, explorou as tensões e as colaborações que caracterizavam o campo literário de sua época. Ela também trouxe à luz polêmicas que constituíram eventos midiáticos envolvendo escritores (as), e expressou opiniões a respeito de práticas editoriais e fatos políticos, o que a coloca em uma posição de mediadora em seu tempo.

Palavras-chave: Rachilde. Crítica Literária. *Mercure de France*.

ABSTRACT: This article analyzes the contribution of Rachilde, the pseudonym of the French writer Marguerite Eymery (1860-1953) in the review *Mercure de France*, which launched its *série modern* in 1890. We specially focus on her literary criticism production from 1905, when *Mercure*’s circulation became bimonthly. In “Les Romans”, Rachilde revealed not only her perspectives on novel writing, but also discussed the conflicts and the partnerships that characterized the literary field at the period. Besides, she revealed the polemics that constituted the mediatic events involving writers and expressed her opinions about the editorial practices and political realities, putting her in a meditation position at the time.

Keywords: Rachilde. Literary Criticism. *Mercure de France*.

¹ Doutora em Letras. Universidade Federal de Uberlândia (UFU). camila.lopez@ufu.br.

INTRODUÇÃO

Durante o século XIX, na França, jornais e revistas de grande tiragem conquistaram o público leitor, e diversos escritores, a exemplo de Honoré de Balzac, se consagraram graças a esses suportes, o que perdurou nos primeiros anos do século XX. O folhetim, de acordo com Jean-Yves Mollier (2018), transformou os hábitos de leitura dos (as) franceses (as), que, ao invés de se dirigirem aos gabinetes de leitura, tinham em suas mãos, por meio dos periódicos, aquilo que os (as) informava e entretenha,

Por outro lado, os (as) escritores (as) que buscavam reconhecimento e não pertenciam aos círculos das folhas de grande tiragem fundaram os seus próprios – e então “pequenos” – periódicos, os quais denominaram *petites revues*. Tratava-se de revistas em formato semelhante ao do livro, dirigido a um público especializado e com a finalidade de divulgar textos e propostas puramente artísticas, dando vez, ainda, a estudos e reflexões de temas em voga à época. Para Pierre Bourdieu (2025), “jovens e novatos”, para se distanciarem daquilo que se consumia em grande circulação, precisavam impor “novos modos de pensamento e expressão, rompendo com os modos de pensamento em vigor” (Bourdieu, 2025, p. 200). Nesse cenário, teve início, em 1890, a *série moderne* do *Mercure de France*.²

Sob a direção de Alfred Vallette,³ o *Mercure* foi uma revista que promoveu a literatura e outras expressões artísticas, aspirando à vanguarda e alinhando-se aos grupos decadentistas e simbolistas. No início, publicou poemas, contos e ensaios, entre outros textos, além de manter rubricas em que os colaboradores discorriam sobre teatro e belas-artes. A resenha de livros se concentrava em uma seção, denominada “Les Livres”. A partir de 1896, lançou a seção “Revue du Mois”, que contemplou assuntos variados e refletiu a expansão da revista, evidenciando a sua intenção de ilustrar amplamente aquilo que compunha os campos artístico e literário daqueles anos. Nela, figuravam as rubricas “Épilogues”, assinada por Remy de Gourmont, além de textos dedicados à música, artes, teatro, e informações daquilo que se publicava em outros jornais e revistas. Em 1905, ainda em

² *Mercure de France* foi título que nomeou outros periódicos anteriores a 1890. Ao entrar em domínio público, foi utilizado pelo grupo que lançou a sua *série moderne*.

³ Entre 1890 e 1935.

movimento de ascensão, a “Revue du Mois” tornou-se “Revue de la Quinzaine”, uma vez que o *Mercure*, de tiragem mensal, passou a ser bimensal. Da criação dessa “Revue” à sua expansão, Rachilde foi a responsável pela crítica de romances, em “Les Romans”.

Nas *petites revues*, a crítica tornou-se uma via importante para a consolidação de seus integrantes no campo literário. Por meio de resumos e resenhas, entre outras formas, os críticos enfrentavam seus adversários, firmavam alianças e provocavam controvérsias, e Rachilde esteve no centro dessas tramas. Portanto, neste artigo, buscaremos apresentar as particularidades das linhas assinadas por Rachilde em “Les Romans”. Neste texto, averiguaremos, especificamente, o que consta dessa rubrica em 1905, momento em que tanto sua autora quanto a revista que a publicava já haviam se afastado de sua fase inicial de afirmação, com um público consolidado e circulação em diferentes países. Por fim, abordaremos os temas, os embates e as perspectivas de Rachilde em relação à produção literária dos anos iniciais do século XX.

1 A “REVUE DE LA QUINZAINE” DO *MERCURE DE FRANCE*

Desde seu lançamento até os primeiros anos do século XX, o *Mercure de France* esteve em ascensão. Entre os anos de 1890 e 1895, os seus exemplares eram mensais; em seu primeiro ano, possuía, em média, pouco mais de 30 páginas, contendo textos variados, assinados por diferentes colaboradores. No período compreendido entre 1896 e dezembro de 1904, manteve sua periodicidade mensal e, muitas vezes, apresentava mais de 200 páginas. O ano de 1896 marcou, também, o surgimento da “Revue du Mois”, que incluía 10 rubricas abordando diferentes temas, trazidos ao público por colaboradores permanentes.

Em 1896, o *Mercure* era comercializado tanto por assinatura (15 francos a assinatura anual; 8 francos a semestral; 5 francos a trimestral) quanto por venda avulsa (1 fr. 50). Em 1904, o periódico comunicou ao seu público, na seção “Échos”, a necessidade de uma reestruturação, afirmando que, desde a sua criação, mantinha-se em um esforço constante para trazer melhorias aos leitores, que lhe eram fiéis, e que tal empenho resultava em seu crescimento, tanto na França

quanto no exterior. Anunciou, ainda, que a revista passaria a ser bimensal, e que a "*Revue du Mois*" se transformaria em "*Revue de la Quinzaine*", sendo composta, inclusive, de "caracteres mais legíveis".

A revista justificou essa expansão, apontando que seu público, "letrado" e com "espírito atento e curioso por todas as manifestações intelectuais", não apenas consultava, mas realmente lia suas rubricas. Além desse aspecto de distinção de seus (as) leitores (as) para com os demais, foi destacado outro aspecto: a "*Revue du Mois*" era "única no mundo", pois nenhum outro periódico oferecia uma "enciclopédia quotidiana" do "movimento universal das ideias". Esse seria o motivo principal da modificação da tiragem, uma vez que a "*Revue de la Quinzaine*" se mostraria mais "ativa". Havia, então, a expectativa de que o *Mercure* publicasse mais matérias, o que não afetaria seu custo, já que continuaria sendo uma das revistas francesas "menos onerosas": na França, seu número avulso passaria a custar 1 fr. 25 e, no exterior, 1 fr. 50 (*Mercure de France*, t. 52, p. 852-852, dez. 1904). Em seu país, a assinatura anual custaria 25 francos, valor inferior ao das revistas contemporâneas, como a *Revue des Deux Mondes*, cuja assinatura anual variava entre 30 e 50 francos. (Loué, 2002, p. 66).

Em janeiro de 1905, Alfred Vallette, em "*Le Mercure de France* bimensuel" argumentou que, no início, o *Mercure* era mais um "*recueil*" do que uma "*revue*". Para compreendermos tal diferenciação, valemo-nos das reflexões de Marie-Ève Thérenty (2007): no século XIX, o "*recueil*" era visto como um "modo de publicação e de reedição cômodo aos textos breves que, sozinhos, não conseguem formar a matéria de um livro" Por sua vez, o termo "*revue*" corresponde aos textos que são reunidos por um diretor de publicação, e remetem à atualidade (Thérenty, 2007, p. 29-30). Com o passar dos anos, o *Mercure de France* se tornou uma "*revue unique*" ao lançar a "*Revue du Mois*". Essa mudança aproximou forma do "*recueil*" àquela do jornal, resultando em um periódico redigido por "espíritos livres" e atento a diversos temas de sua época (Vallette, *Mercure de France*, t. 53, p. 8, 1 jan. 1905).

Ainda de acordo com Vallette, a história do *Mercure de France* despertava interesse do "triplo ponto de vista literário, psicológico e financeiro", pois mostrava como "a boa vontade de um grupo de escritores" era mais valiosa que um

grande capital para fundar um periódico “independente, formado por elementos os mais heterogêneos” e que conseguiu “conservar sua liberdade integral”, atraindo um público capaz de acolher opiniões distintas. Logo, o seu desenvolvimento o teria levado a alterar a sua periodicidade, considerando tanto aspectos de seu “organismo” quanto “circunstâncias externas” (Vallette, *Mercure de France*, t. 53, p. 5-6, 1 jan. 1905).

Para Vallette, as questões financeiras condicionavam a sobrevivência de algumas folhas, as quais, ao precisarem vender anúncios para assegurar a sua existência, restringiam a expressão de seus (as) colaboradores (as), que não podiam emitir uma “opinião desinteressada”. As revistas generalistas – ou seja, aquelas maiores do que o *Mercure* – enfrentariam o “duplo inconveniente de “esquivarem-se e custar muito caro”. Por outro lado, a sua revista tinha interesse em promover as manifestações artísticas e de pensamento, na França e no exterior. Esse tipo de publicação era escrito por aqueles (as) que não se deixavam influenciar pela “vulgarização”, preenchendo o espaço de uma imprensa onde a propaganda imperava e anulava quaisquer outras propostas. Como resultado, para o *Mercure de France*, a tiragem mensal tornou-se insuficiente, o que a levou à publicação bimensal.

Ao concluir sua explanação, Alfred Vallette declarou que as informações sobre a alteração da periodicidade do *Mercure* eram destinadas, principalmente, para aqueles que, na época, ignoravam a “existência de um periódico que responde, de maneira exata, ao que significa radicalmente a palavra ‘revista’” e que era comercializado por um valor próximo daquele dos jornais “à un sou”.⁴ Tais palavras nos levam a concluir que, passados 15 anos de sua fundação, o *Mercure de France* ainda preservava as suas estratégias de afirmação no campo literário. De acordo com Pierre Bourdieu, o campo literário se configura como campo de forças, cujas lutas de concorrência tendem a conservá-lo ou transformá-lo (Bourdieu, 2025, p. 167). Portanto, indicar a mudança de tiragem e, simultaneamente, aquilo que distinguia a revista das publicações as quais se opunha, integrava essas estratégias. Na década de 1890, o *Mercure*, por meio de inquéritos e manifestos,

⁴ Isto é, periódicos vendidos a preços muito baixos.

buscou marcar a sua posição. Vemos, assim, que, nos primeiros anos do século XX, como uma publicação consolidada e cuja editora já havia lançado obras de nomes importantes, tendo sido a responsável, por exemplo, pelo lançamento dos escritos de Friedrich Nietzsche em francês, essas vias de sustentação no campo ainda eram mantidas.

A crítica literária também desempenhou o seu papel nesse processo: por meio dela, criavam-se conexões e definiam-se posições. Para Christophe Charle (1998), o século XIX foi aquele da “era da crítica”, quando as obras precisavam passar pelo crivo dos jornais e das revistas para serem legitimadas. No caso das *petites revues*, existiam os “auxílios mútuos dos autores, ainda excluídos do reconhecimento social pelos mediadores críticos dominantes” (Charle, 1998, p. 89-90). Nessa teia, Rachilde ocupou sua posição: entre os anos de 1896 e 1914, ela foi a responsável pela revisão dos romances em “Les Romans”, e, além de avaliar aspectos estéticos, opinou sobre diferentes assuntos e eventos de sua época. Abordaremos, neste texto, as contribuições que datam de 1905, ano de surgimento da “Revue de la Quinzaine”.

2 RACHILDE E “LES ROMANS”.

Rachilde percorreu extensa trajetória literária, marcada pela publicação de romances – que, muitas vezes, escandalizaram seus (as) contemporâneos (as) – e pela colaboração na imprensa. Nascida no interior da França e proveniente de uma família influente, ainda muito jovem mudou-se para Paris, para tentar viver de sua escrita. Colaborou na imprensa e, na década de 1880, foi assídua do Quartier Latin, bairro parisiense cujo espírito “soprava sobre as águas da literatura” (Rachilde apud Émile-Bayard, 1924, p. 336). Nesse local, se liam autores “novos” e “antigos”, se frequentavam bailes e por onde ela caminhava de madrugada, contrariando o que se esperava de uma *jeune fille*.

O Quartier Latin também foi o bairro que abrigou grande parte das redações das *petites revues*, círculo em que Rachilde se inseriu. Elas serviam como espaço de circulação de seus (as) assíduos e, por vezes, para suas diversas reuniões. Nesse contexto, Rachilde organizou os encontros do salão do *Mercure de France*, que

aconteciam às terças-feiras – “*les Mardis du Mercure*”. Ali, aqueles que aspiravam à vida literária – e a uma editora para a publicação de seus livros – encontravam seu lugar. Para os (as) colaboradores (as) da revista, tratava-se de um espaço de sociabilidades. De acordo com Glinoyer e Lesnay (2013), na Rue de l’Échaudé-Saint-Germain, número 15, enquanto Alfred Vallette se recolhia em seu escritório e tratava de questões que se restringiam à redação do *Mercure de France*, Rachilde proporcionava uma “sessão recreativa, durante um chá” aos colaboradores regulares da revista e, paralelamente, recrutava “novas plumas”. (Glinoyer e Lesnay, 2013, p. 229). Nesse espaço, aglutinavam-se aqueles que tinham interesse pela arte, pelas novas correntes estéticas, em uma atmosfera receptiva aos jovens escritores. Era onde se alimentava o desdém pelas instituições oficiais e pela grande imprensa. Diferentemente das damas do passado, Rachilde se esforçava para que os seus convidados se relacionassem – o que era auspicioso para o *Mercure*, mesmo que isso significasse agrupar indivíduos com pensamento divergente.

Rachilde foi assunto em jornais e revistas da época, que noticiavam seus feitos e as suas publicações. Em abril de 1905, *La Plume*, uma *petite revue* alinhada ao *Mercure de France*, classificou as críticas de Rachilde como “agradáveis e originais” (Tudesq, *La Plume*, p. 63-64, 30 abr. 1905). No mesmo ano, o *Gil Blas* deu vez, em sua primeira página, à uma elogiosa crítica do romance *Le meneur de louves*, de Rachilde, assinada pelo escritor Maurice Cabs⁵ (*Gil Blas*, 2 nov. 1905, p. 1, 3 col.). Mesmo no Brasil ouviu-se falar de Rachilde nos primeiros anos do século XX. Em março de 1900, ficou conhecida pelos (as) leitores (as) do jornal pernambucano *A Província*⁶, no qual Gonçalves Maia⁷ fez menção à obra *Hors Nature*. Em março de 1905, o jornal *O Fluminense* publicou, na coluna “Pelo Exterior”, o texto “Movimento das ideias em França”, de Camille Mauclair,⁸ traduzido do francês para o português. Nessas linhas, Mauclair coloca Rachilde

⁵ Secretário da *Association de la Critique Littéraire*. Além do *Gil Blas*, também foi colaborador do *Petit Journal*.

⁶ Órgão do Partido Liberal de Pernambuco. Circulou entre os anos de 1872 e 1919.

⁷ Político e jornalista recifense (1866-1924).

⁸ Foi poeta, romancista e crítico francês (1872-1945). Discípulo de Mallarmé e assíduo dos agrupamentos do Simbolismo. Também foi colaborador do *Mercure de France*.

entre as mais notáveis escritoras de seu país (Mauclair, *O Fluminense*, 25 mar. 1905, p. 2, 1 col.). Em 1907, João do Rio, no jornal *Correio Paulistano*, aludiu, em “Camelots”, à peça *Le vendeur de soleil*, de Rachilde (Rio, *Correio Paulistano*, 25 maio 1907, p 1, 3 col).

A rubrica “Les Romans” foi publicada ininterruptamente de 1896, ano de seu início, até 1905, contabilizando 2.225 livros avaliados. Ao analisarmos comparativamente o ano de 1905, observamos que “Les Poèmes”, também de crítica e assinada por Pierre Quillard,⁹ aparece apenas em sete das 24 edições publicadas, enquanto Rachilde avaliou 302 livros, dos quais ressaltou aspectos diversos. A seguir, exporemos suas ponderações acerca dos elementos estéticos de algumas dessas obras.

3 RACHILDE E A LITERATURA

Em “Les Romans”, Rachilde compartilhava regularmente suas opiniões sobre a criação literária, apresentando ao público o que, para ela, representava, um estilo apropriado e temas relevantes. Seu mérito, de acordo com Samuel Lair (2007), foi o de, em suas reflexões, tentar restituir um status elevado ao romance.

Algumas obras eram apresentadas como modelos a serem imitados, o que ocorreu, por exemplo, na primeira quinzena de abril de 1905, quando da avaliação de *En casque et sabre*, de Tristan Bernard,¹⁰ que ela classificou como uma “obra-prima”: “É preciso lê-la para aprender a escrever. Eu não tenho vontade de contá-la, mas de citá-la... Inteiramente”.¹¹ (Rachilde, *Mercure de France*, t. 54, p. 416, 1 abr. 1905, tradução nossa). Outras avaliações apontavam efeitos peculiares, como em *Madame Fournol et ses héritiers*, de Lucien Rolmer,¹² que supostamente teria acrescentado à “consistência de execução de um Maupassant uma ironia contida”. Isso teria renovado “as práticas dos autores naturalistas, nela misturando fórmulas

⁹ Pierre Quillard (1864-1912) foi poeta simbolista, além de dramaturgo e crítico literário.

¹⁰ Tristan Bernard (1866-1947) foi um escritor e jornalista francês, conhecido por suas obras humorísticas. Era amigo de Jules Renard, que fez parte do grupo fundador do *Mercure de France*.

¹¹ « Il faut lire cela pour apprendre à écrire. Je n'ai pas envie de la raconter, mais de la citer... tout entière ».

¹² Escritor e jornalista francês (1880-1916).

de poeta”, atingindo, em algumas passagens, o “lirismo do cômico” (Rachilde, *Mercure de France*, t. 55, p. 104-108, 1 maio 1905, tradução nossa).

Comumente, Rachilde apresentava contrapontos aos romances escritos naqueles anos. *L'Élection sentimentale*, de Comte de Comminges¹³, o qual classificou como um “belo romance”, que lhe deixara “agradáveis lembranças”, constituía, para ela, algo diverso daquilo que se publicava em seu tempo:

Atualmente, nos livros, as coisas mais previsíveis ou que mais recorrentes se complicam com impressionantes sistemas de análise e, quando se acredita mergulhar em uma consciência de escritor, desce-se ao fundo de um poço de uma série de encadeamentos psicológicos, vislumbrando verdades em posturas tão pouco naturais que apressamo-nos a voltar às muito banais superfícies da vida comum. Com frequência, eu tenho sede de uma literatura que possa ser bebida sem um provável envenenamento de todos os sentidos, incluindo o soporífico, e que vos permitiria pensar nisso, depois de beber, sem uma opressão de pesadelo. Eu gosto dos livros do Sr. de Comminges, pois eles me deixam agradáveis lembranças. Ele é um desses raros autores que não sacrificam à necessidade de consternar, de esgotar o cérebro de seu leitor até fazê-lo glorificar qualquer estado social quando retorna, após ter deixado a ficção (Rachilde, *Mercure de France*, t. 54, p. 104, 1 mar. 1905, tradução nossa).¹⁴

Na segunda quinzena de abril, ao fazer crítica de *Esclave*, Rachilde revelou seu olhar para aspectos estéticos, utilizando uma variedade de imagens para descrever essa obra. Trata-se de um romance assinado por Gérard d'Houville, pseudônimo de Marie de Régnier,¹⁵ e publicado pela editora Calmann-Lévy:

Saboroso como uma fruta, esse livro não pode mais ser examinado como se poderia analisar o transparente gomo de uma laranja durante uma debilitante tarde de calor. É necessário espremê-la sobre os lábios e dela conservar, todo o dia, o perfume violento, um pouco amargo, na ponta das unhas que partiram a sua casca. Ele é, simultaneamente, grave como algo natural, e agradável, se

¹³ Foi escritor, político e militar (1862-1925). Colaborou no *Mercure de France*.

¹⁴ « Aujourd'hui, dans les livres, les choses les plus prévues ou les plus arrivées se compliquent d'étonnants systèmes d'analyses et quand on croit plonger au fond d'une conscience d'écrivain on descend au fond d'un puits par une telle série d'enchaînements psychologiques, on entrevoit des vérités en de si peu naturelles postures qu'on se hâte de remonter aux très banales surfaces de la vie ordinaire. J'ai souvent soif d'une littérature qui se laisserait boire sans un probable empoisonnement de tous les sens, y compris le soporifique, et qui vous permettrait d'y songer, après boire, sans une oppression de cauchemar. J'aime les livres de M. de Comminges parce qu'ils me laissent d'agréables souvenirs. Il est de ces rares auteurs qui ne sacrifient pas au besoin d'ahurir, de pressurer la cervelle de son lecteur jusqu'à lui faire bénir un quelconque état social quand il y revient après avoir lâché la fiction ».

¹⁵ Escritora francesa (1875-1963). Filha do poeta José Maria de Heredia, cresceu entre poetas e artistas. Casou-se com o poeta Henri de Régnier, adotando seu sobrenome.

quisermos buscar descobrir nele um objeto de arte cujas curvas eruditas, as belas perfídias, tomariam emprestado suas espontaneidades dos galhos flexíveis, das circularidades impressionantes das grandes nuvens brancas (Rachilde, *Mercury de France*, t. 54, p. 574, 15 abr. 1905, tradução nossa).¹⁶

Durante seu tempo à frente de “Les Romans”, Rachilde também avaliou as suas próprias obras¹⁷ e usou-as para compartilhar suas reflexões sobre o processo de criação literária e sobre o que definiria o papel do (a) escritor (a). Na primeira quinzena de outubro de 1905, ela deu vez ao seu romance *Le meneur de louves*, publicado pela editora do *Mercury de France*. Em sua “autocrítica”, comparou a vida a uma viagem, afirmando que, nesse trajeto, somos responsáveis por escolher o nosso meio de locomoção. Entre trens, bicicletas, automóveis e cavalos – estes últimos, seus preferidos na juventude, – ela escolheu entre os “modos de transporte” que fervilhavam à época, algo diferente: escrever romances. Essa seria, para ela, a “maneira mais preguiçosa de ir a qualquer lugar sem cansaço” (Rachilde, *Mercury de France*, t. 57, p. 586, 1out. 1905), de escolher um país, ou lugares, sem medo de se deparar com pessoas “conhecidas” ou “adoecidas” – as quais estariam em maioria no seu tempo, em uma aparente crítica à vida em sua cidade: “(...) tenho sempre horror de me deparar com a senhora que caminha para emagrecer ou o senhor que leva ao passeio sua pequena neurastenia”.¹⁸

Por conta dessa atmosfera de sua contemporaneidade, optou por escrever, em *Le meneur de louves*, sobre uma outra época – a merovíngia, – sinalizando sua resistência às práticas dos (as) escritores (as) coetâneos (as), aos acontecimentos daqueles anos, e ilustrando paixões e querelas de outrora, nas quais mergulhou e representou em seu romance:

Por causa dos pobres animais e dos pobres diabos, eu me perdi nas vias de florestas profundas, que não têm qualquer relação com o Bosque de Bolonha, caro aos escritores modernos. Eu vi coisas cuja simplicidade amedrontaria,

¹⁶ « Savoureux comme un fruit, ce livre ne peut pas plus s’analyser qu’on ne pourrait analyser la transparente chair d’une orange durant une énervante après-midi de chaleur. Il faut le presser sur ses lèvres et en conserver, tout le jour, le parfum violent, un peu amer, au bout des ongles qui en ont fendu l’écorce. Il est à la fois grave comme une chose sortie de la nature et plaisant si on veut chercher à y découvrir un objet d’art dont les courbes savantes, les belles perfidies, emprunteraient leurs spontanités aux souplesses des branches, aux rondeurs trop éblouissantes des gros nuages blancs ».

¹⁷ Apresentamos essas avaliações em outros artigos publicados.

¹⁸ « (...) j’ai toujours la terreur de me croiser avec la dame qui marche pour se faire maigrir ou le monsieur qui promène da petite neurasthénie ».

considerando os gostos sentimentais de nossa época. Penetrei no segredo das paixões violentas, que parecem infantis diante dos vícios na nossa era atual republicana, mas que já causavam os mesmos crimes e as mesmas estupidezes que as ambições muito mesquinhas de nosso tempo (Rachilde, *Mercure de France*, t. 57, p. 586, 1out. 1905, tradução nossa).¹⁹

Essa época criticada foi, também, assunto de “Les Romans”, quando Rachilde contemplou eventos políticos e da sociedade, tornando-a um reflexo de eventos diversos. Portanto, exporemos essas considerações nas próximas linhas.

4 RACHILDE EM SEU TEMPO

Podemos compreender Rachilde como figura expressiva de seu tempo, o que fez dela uma mediadora cultural. Como “sujeito histórico”, ela deixou registros relevantes para a compreensão de sua época. Segundo Angela de Castro Gomes e Patricia Santos Hansen (2016), a percepção de indivíduos que vivenciam determinados períodos são imprescindíveis para se “compreender as dinâmicas de circulação, comunicação e apropriação de bens culturais, que, por princípio teórico, sempre envolvem mudanças em seus sentidos ou, dito de outra forma, naqueles presentes nas intenções de seus produtores” (Gomes & Hansen, 2016, p. 13).

Assim, Rachilde, em “Les Romans”, falou de literatura e levantou, também, questões referentes ao campo editorial. Por meio de observações acerca da materialidade dos livros que eram lançados, destacou, por exemplo, a qualidade (ou falta dela) de ilustrações, a configuração das capas, entre outros aspectos. Ela ressaltou, ainda, algumas reedições de obras, como quando, na segunda quinzena de abril de 1905, noticiou o relançamento de *Croquis parisiens*, *À Vau-l'eau* e *Un Dilemme*, de J. -K. Huysmans, pelo editor Stock. Huysmans foi referência para os decadentistas e simbolistas, sendo considerado por Remy de Gourmont como iniciador, graças ao romance *À rebours*, de uma “literatura nova” (Gourmont, *Mercure de France*, t. 2, p. 322, jun. 1891). Ao comentar uma reedição desse autor

¹⁹ « À la suite des pauvres bêtes et des pauvres diables, je me suis égaré dans les sentiers de forêts profonds qui n'ont aucun rapport avec le bois de Boulogne cher aux écrivains modernes. J'ai vu des choses dont la simplicité ferait peur étant donnés les goûts mièvres de notre ère. J'ai pénétré le secret des passions violentes qui paraissent enfantines devant les vices de notre actuelle république, mais qui engendraient déjà les mêmes crimes et les mêmes sottises que les très mesquines ambitions de notre temps ».

por Stock, livreiro afeito aos simbolistas, a intenção de Rachilde nos remete ao que discute Jean-Yves Mollier (2015): entre os anos de 1885 e 1919, aqueles (as) que não encontravam espaço nas grandes editoras buscavam vias de reconhecimento por meio de seus pares, que lhes davam sustentação:

A reedição de boas obras é uma lição necessária. Elas provam que certas coisas foram ditas de forma peremptória e que é inútil copiar as violências de linguagem daqueles que souberam falar, no momento necessário, sobre os males de sua época. A hipocondria de Sr. Folatin domina todo um mundo de escritores, mais deploravelmente que o próprio Sr. Folatin, já que ela o fez sensato. Lembro-me que outrora se dizia: “*On mange trop et si mal À vai-l'eau*”.²⁰ Que pena! Em nossos dias, os Senhores autores fazem piores: eles ruminam!²¹ (Rachilde, *Mercury de France*, t. 54, p. 578, 15 abr. 1905, tradução nossa).

Rachilde também deixou registradas suas impressões sobre as relações – e as tensões – entre escritores (as) da época. Em tempos de busca pela autonomia, aqueles (as) que frequentavam as redações de vanguarda, e que escreviam livros para um público dito especializado, buscavam marcar sua distinção do “homem de letras” comum – isto é, aquele que se popularizava e, conseqüentemente, obtinha mais lucros. Em contrapartida, era igualmente frequente a defesa e a legitimação de seus (as) próximos (as). Dessa forma, na primeira quinzena de agosto de 1905, ao discorrer sobre *La Domination*, romance da Condessa Mathieu de Noailles,²² Rachilde fez diversas referências a aspectos de seu contexto. Primeiramente, disse ter recebido a visita de um jovem, “*très du monde*”, que lhe falara do livro de Noailles, e ela, por sua vez, teria dedicado essa obra aos “jovens escritores da França”, o que nos leva a pensar nas práticas de colaboração existentes do período. Em seguida, citou Verlaine, poeta reconhecido por sua vida transgressora e boêmia, e fez menção aos acadêmicos, que deveriam ser enquadrados na tradição,

²⁰ Para efeitos de rima, mantivemos o trecho em sua versão original.

²¹ « La réédition des bons ouvrages est une leçon nécessaire. Ils prouvent que certaines choses ont été dites de façon péremptoire et qu'il est inutile de mal copier les violences de langage de ceux qui surent parler à temps des maux de leur époque. L'hypocondrie de M. Folatin domine tout un monde d'écrivains, mais moins heureusement que M. Folatin lui-même puisqu'elle le rendit raisonnable. Je me souviens qu'on disait jadis : 'On mange trop et si mal dans *À vai-l'eau*'. Hélas ! De nos jours, Messieurs les auteurs font pires : ils remâchent ! »

²² Anna Elisabeth Bibesco-Bassaraba de Brancovan nasceu em Paris, em 1876, filha de uma família aristocrata romena. Escreveu romance, poesia e uma autobiografia. Era assídua dos meios literários; próxima, por exemplo, de Marcel Proust, André Gide e Colette.

ao contrário dos *novos*. O “dominador” do romance seria um “homem de letras”, mostrando, portanto, que Rachilde frequentemente buscava expor práticas que considerava pouco louváveis entre escritores (Rachilde, *Mercure de France*, t. 56, p. 432, 1 ag. 1905).

Avaliação semelhante apareceu, ainda, na segunda quinzena de agosto, quando da resenha do livro *L’Expiation*, de Georges Périn:²³

Ainda um romance sobre o homem de letras. Dessa vez, ele são dois, os dois irmãos. Temos a escolha entre os M., os R., etc., etc... A expiação consiste, para eles, em se sentir impotentes do esforço literário, pois mataram um insolente durante um combate singular, mas real. Então, a questão seria esta: quem dá a vida à ilusão tem o direito de destruir uma única realidade? Eu acredito que se pode livrar a terra de um engraçado com tranquilidade. Infelizmente, quando se analisa *duplo*, vê-se duplo, ao menos para os escrúpulos literários (Rachilde, *Mercure de France*, t. 56, p. 585, 15 ag. 1905, tradução nossa).²⁴

Apesar de comumente reprovar a aproximação entre política e literatura, Rachilde não deixou de perceber essa relação. Em junho de 1905, ao falar de *Parti rouge et parti noir*, de Henri Lancial²⁵ (Rachilde, *Mercure de France*, t. 55, p. 413, 1 jun. 1905), indicou sua contrariedade aos romances de cunho político. No entanto, no mesmo número, suas tendências políticas se evidenciaram, por meio dos comentários feitos às obras *Au service de l’Allemagne*, de Maurice Barrès (1862-1923), e *Le 71^e Trainglaux*, de Paul de Baurepaire-Froment (1872-1914).

Au service de l’Allemagne, foi classificado por Rachilde como uma “história encantadora, contada com elegância” (Rachilde, *Mercure de France*, t. 55, p. 414, 1 jun. 1905). Barrès e Rachilde eram próximos: conheceram-se na década de 1880, e o prefácio de *Monsieur Vénus*, romance publicado em 1884, foi assinado por ele. Em seu tempo de atuação, esse autor proferiu diversas opiniões contrárias aos alemães, alinhando-se a uma tendência de determinismo racial que pairava na França (Al-Matary, 2005, p. 95). Em *Au service de l’Allemagne*, Maurice Barrès

²³ Georges Périn (1873-1922) foi escritor, crítico e jornalista francês. Entre outros periódicos, foi colaborador de *La Plume*.

²⁴ « Encore un roman sur l’homme de lettres. Cette fois ils sont deux, les deux frères. On a le choix entre mes M., les R., etc., etc... L’expiation consiste pour eux à se sentir impuissants de l’effort littéraire, parce qu’ils ont tué un insolent au cours d’un combat singulier mais loyal. Alors, la question serait celle-ci : qui donne la vie à l’illusion a-t-il le droit de détruire une seule réalité ? Moi, je crois qu’on peut toujours débarrasser la terre d’un drôle avec tranquillité. Malheureusement, quand on analyse *double* on voit double, au moins pour les scrupules littéraires. »

²⁵ Escritor francês, nascido em 1861.

executou, ao mesmo tempo, “um projeto poético e um projeto ideológico”, tendo a região fronteira da Lorena, marcada por disputas entre países, como “terra mítica da resistência latina” (Al-Matary, 2005, p. 97). Esse período, segundo Eric Hobsbawm, caracterizou-se por “economias nacionais rivais ‘protegendo-se’ umas das outras” (2003, p. 104), o que resultou em grande tensão entre França e Alemanha.

Já *Le 71^e Trainglaux*, de Baurepaire-Froment, aparece sob um outro prisma, por se tratar de uma narrativa com temática antimilitarista. Rachilde descreve o romance de Baurepaire-Froment,²⁶ editor da revista ilustrada *Tradition* e autor que tinha vivido experiência militar, como “um estudo de costumes sobre o exército absolutamente cômico”. Em termos de estilo, empregou locuções “esquecidas”, conferindo ao seu livro as características de um dicionário. Ele teria, tal qual o título de sua revista, a “tradição”. de “demolir o exército em benefício de uma fraseologia extremamente bizarra”, trazendo “a mais completa antologia dos grandes poetas desconhecidos de nossas melhores épocas, e as mais repugnantes obscenidades (Rachilde, *Mercure de France*, t. 55, p. 411, 1 jun. 1905). Ao concluir, Rachilde provoca o seu leitor: e, se em vez do exército ser descrito pelo autor como “escola do vício” ou a “escola do roubo”, fosse a literatura identificada como “escola do vício”, do plágio, da covardia, do antipatriotismo? E se a “literatura obrigatória (do jornalismo)” fosse a razão da “degenerescência do estilo”, algo que os críticos, “grandes ou pequenos”, já sabiam, mas não admitiam? Deste modo, revela uma simpatia ao exército, o que também demonstra uma inclinação ao patriotismo.

Em “Les Romans”, Rachilde expressou sua opinião sobre livros escritos por mulheres, as quais lutavam pelo reconhecimento e pela publicação de suas obras, em um meio majoritariamente masculino. Em 1905, apresentou ao seu público a avaliação de 37 obras de escritoras. Trata-se de um número pequeno, se comparado à soma total, correspondendo a pouco mais de 12%. Na maioria das vezes, esses títulos apareceram sob pseudônimos (muitas vezes masculinos), como

²⁶ Baurepaire-Froment também foi folclorista e colaborador em diferentes periódicos.

é o caso de Paul Junka, cujo verdadeiro nome era Alexandrine Forpomès²⁷, e Gérard d'Hourville, adotado por Marie de Règnier.

Algumas delas recebiam elogios, como Marie Krysinska,²⁸ que assinou *La force du désir*, publicado pela editora do *Mercury de France*. Na primeira quinzena de julho, Rachilde a chamou de "Musa" e a reconheceu como a "inventora do verso livre". Seu romance abordaria temas ligados ao amor e ao desejo de maneira exemplar, caracterizando-se como uma obra bem escrita e "vivaz". Outras eram ironizadas, tal qual Mary Floran,²⁹ autora de romances sentimentais:

Por testamento, uma pessoa dotada de mania de vingança, lega um esboço a quem se fará instrumento de sua cega vingança. Uma virtuosa mulher de letras resiste à tentação, mas uma outra, menos escrupulosa, escreve esse romance, e dele resulta que uma mulher encantadora que descobre que seu marido é o assassino de seu pai. Oh! os *romans à clés*!³⁰ (Rachilde, *Mercury de France*, t. 53, p. 432, 1 fev. 1905, tradução nossa) .

Vemos, portanto, que Rachilde não se hesitou em expressar suas opiniões, tanto de natureza literária quanto as relacionadas aos acontecimentos de sua época, o que gerou embates e polêmicas. Discorreremos sobre alguns de seus enfrentamentos nas próximas linhas.

5 RACHILDE: POLÊMICAS E EMBATES

À maneira de seu tempo, quando, para seus pares, era necessário encontrar alternativas de sustentação no campo literário, Rachilde esteve envolvida em controvérsias e confrontos. Entre os (as) colaboradores (as) das *petites revues*, as disputas eram estratégias de afirmação: manifestos, inquéritos, perfis e publicização de correspondências entre escritores (as), editores e diretores de

²⁷ Autora francesa (1868-1942), que assinou romances folhetins.

²⁸ Maria Anastasia Krysińska nasceu na Varsóvia, em 1857, e morreu em Paris, em 1908. Publicou poemas e atuou em diferentes periódicos franceses. Circulou entre diferentes agrupamentos, como o dos Hidropatas.

²⁹ Seu verdadeiro nome era Marie Louise Méliete Augustine Guichard (1856-1934).

³⁰ « Par testament, une personne douée de la manie vengeresse, lègue un canevas à qui se fera instrument aveugle de sa vengeance. Une vertueuse femme le lettres résiste à la tentation, mais une autre, moins scrupuleuse, écrit ce roman et il en résulte qu'une femme charmante découvre que son mari est l'assassin de son père. Oh ! les romans à clés ! ».

revistas ilustravam redes, relações e, também, rupturas, algo que perdurou nos primeiros anos de 1900.

Alguns dos contemporâneos de Rachilde, como Marius-Ary Leblond,³¹ retrataram o seu posicionamento crítico: “Sua crítica da sociedade é mais amarga porque ela tem sob seus olhos a pequena Burguesia”. Também descreveram a sua personalidade: “pequena pantera com garras, ela ama, ela sonha com a guerra” (p. Leblond, 1905, p. 11-12). Dessa forma, ao combinar seu temperamento com o que era característico das revistas de vanguarda, Rachilde expressava suas opiniões de maneira incisiva e, ocasionalmente, agressiva.

Em “Les Romans”, provocações eram comuns: na resenha de *Un Saint*, romance de Paul Bourget, Rachilde afirmou tratar-se da história de um “*gendelettre art neuf*” – uma forma pejorativa de se referir a um escritor.³² Essa personagem era alguém “que rouba um bom frade para pagar, de seu próprio bolso, uma edição de suas obras satíricas é (provavelmente) interessante. Ela prova sobretudo que Bourget conhece rudemente bem esses senhores arrivistas de hoje”³³ (Rachilde, *Mercure de France*, t. 54, p. 258, 15 mar.1905). Em outros momentos, Rachilde acusou escritores (as) de plagiar obras já publicadas. Ao fazer crítica do livro *Le jardin des plaisirs*, de Paul Mathieux³⁴, na primeira quinzena de setembro (Rachilde, *Mercure de France*, t. 57, p. 107, 15 set. 1905), insinuou tratar-se de uma imitação de Jean Lorrain. Logo na primeira quinzena de outubro, Rachilde declarou, em um “memento” de sua rubrica, ter recebido uma carta de Mathieux. Nela, ele afirmava ter escrito *Le jardin des plaisirs*, “fragmentariamente”, “muito antes da *Maison Philibert*,³⁵ de seu amigo Jean Lorrain. Diante dessa informação, ela ironiza: “Dont acte” – isto é, que “ficasse registrado”.

Foram as cartas, aliás, que ilustraram a participação de Rachilde em um episódio que movimentou diferentes peças do campo literário, por meio da

³¹ Pseudônimo dos escritores Georges Athenas (1877-1955) e Aimé Merlo (1880-1958).

³² Na época, o termo “*gendelettre*” era empregado, também, para se referir ironicamente a um escritor.

³³ L’histoire de ce *gendelettre art neuf* qui vole un bon moine pour s’offrir une édition à ses frais de ses œuvres satiriques (probablement) est intéressante. Elle prouve surtout que M. Paul Bourget connaît rudement bien messieurs les arrivistes du jour.

³⁴ Escritor francês (1869-1954). Redator do jornal *La Presse*.

³⁵ Romance publicado em 1904.

resenha da obra *Le salon de Madame Truphot*, escrito por Fernand Kolney, na segunda quinzena de janeiro de 1905. Na ocasião, Rachilde considerou o romance “extraordinário”, mas creditou a autoria ao “inimitável Laurent Tailhade” (Rachilde, *Mercure de France*, t. 53, p. 261, 15 jan. 1905). Laurent Tailhade (1854-1919) foi um escritor francês, próximo do *Mercure*, de postura e de textos satíricos e polêmicos. Foi, segundo Remy de Gourmont, “um carrasco das hipocrisias e avarezas” de seu tempo, expondo “falsas glórias” e denunciando as “torpezas” daqueles que obtinham ganhos “vindos da Bolsa” ou do folhetim. (Gourmont, 1896, p. 101-102). Isto remete ao fato de Tailhade buscar romper com a “subordinação estrutural” existente no campo literário do XIX, que parece se perpetuar nos primeiros anos do século XX. Essa subordinação, segundo Pierre Bourdieu (1996), levava escritores (as) à dependência e ao favorecimento dos detentores do lucro, seja por meio de instituições, como a Academia, ou *patrons de presse*.

Fernand Kolney (1868-1930) foi um escritor polemista, além de cunhado de Laurent Tailhade, de quem sua personalidade se assemelhava. *Le Salon de Madame Truphot* casou furor à época de sua publicação, por ser uma obra que caricaturiza a história do Simbolismo. O enredo é centrado na figura de uma dona de Salão, Madame Truphot, que acolhia jovens poetas e por onde teriam passado, por exemplo, os artistas de *L'Ermitage* e Jean Moréas. Na ocasião, Jehan Rictus,³⁶ convencido de que havia sido inspiração para uma das personagens do romance, recorreu ao tribunal, solicitando indenização, e saiu vitorioso. O fato repercutiu em jornais como *La France*, *L'Évenement* et *La Nouvelle Presse*.³⁷ No *Gil Blas*, na seção de folhetim “La Vie Littéraire”, Jules Bois afirmou que, em consequência da publicação de *Le Salon de Madame Truphot*, Fernand Kolney foi submetido a um “ostracismo” por aqueles que se sentiram ofendidos por suas palavras (Bois, *Gil Blas*, p. 1, 6. col, 5 fev. 1905).

Após mencionar a participação de Laurent Tailhade na escrita de *Le salon de Madame Truphot*, Rachilde recebeu uma carta-resposta, divulgada pelo *Mercure* na segunda quinzena de fevereiro, na rubrica “Échos”, a pedido do próprio remetente.

³⁶ Pseudônimo do poeta francês Gabriel Randon de Saint-Armand (1867-1933).

³⁷ Dados obtidos em pesquisa na base de dados Retronews, mantida pela Bibliothèque Nationale Française.

Nela, Tailhade desmentiu a informação dada por Rachilde, admitindo apenas ter exercido certa "influência sobre o seu cunhado". Acusou-a de, "involuntariamente" ter auxiliado uma manobra de Jehan Rictus contra ele e Fernand Kolney, destacando o verdadeiro nome de seu cunhado, Fernand Pouchon de Colnet, para que não fosse confundido com seus primos Colnet d'Huart, que eram "católicos", "nacionalistas" e amigos de Coppée³⁸ e Lemaître³⁹ – ou seja, de membros da Academia Francesa. Disse que as palavras desdenhosas de Rachilde demonstravam que ela não tinha realmente lido a obra de Kolney, além de ter se defendido de toda sorte de acusação e de mencionar já ter publicado um esclarecimento no periódico *Action*. Ademais, Laurent Tailhade afirmou que escrevia melhor do que seu cunhado, sem "neologismos", e justificou a relação que mantinha com diferentes personalidades da literatura e imprensa da época:

Jaurès foi testemunha de meu casamento. Mirbeau⁴⁰ prestou-me todos os tipos de serviço. Sou admirador d'Achille Essebac.⁴¹ Séverine⁴² fez a honra de considerar-me um de seus amigos. Eu aprecio a voz generosa e o entusiasmo do bom Marcel Legay.⁴³ Sébastien Faure⁴⁴ não tem ouvinte mais assíduo ou devoto do que eu.

Não são, que fique claro, as aventuras ou comportamentos desses ilustres que Fernand Kolney pretendeu narrar (Tailhade apud *Mercure de France*, t. 53, p. 645, 15 fev. 1905, tradução nossa).

Na sequência, foi reproduzida uma carta de Fernand Kolney endereçada a Rachilde, na qual ele reivindica a autoria de *Le Salon de Madame Truphot*. Afirma ter apresentado ao comitê do *Mercure de France* 180 páginas de um outro romance, que seria o "irmão" do polêmico *Madame Truphot*, e que o seu estilo também era diferente daquele de Tailhade. A resposta de Rachilde foi transcrita da seguinte maneira:

De onde é necessário concluir, caros Senhores, que sois tão cunhados que mais esperto do que eu podia errar. Apresso-me, portanto, em vos separar em vossas maneiras de ver, concernente ao próximo, mas vos reservo minha

³⁸ François Coppée (1842-1902) foi poeta parnasiano e membro da Academia Francesa.

³⁹ Jules Lemaître (1853-1914) foi dramaturgo, ensaísta e crítico. Membro da Academia Francesa

⁴⁰ Octave Mirbeau (1848-1917), anarquista, escritor e jornalista francês.

⁴¹ Pseudônimo de Achille Bécasse, escritor francês (1868-1936).

⁴² Pseudônimo da escritora e jornalista francesa Caroline Rémy (1855-1929).

⁴³ Pseudônimo de Arthur Jacques Joseph Legay (1851-1915), cantor francês que atuou no Chat Noir.

⁴⁴ Sébastien Faure (1858-1942) foi um anarquista francês.

inteira admiração pela coragem individual com a qual cada um de vós manifesta para defender o outro.

Havia um Laurent Tailhade. Agora há dois. Louvado seja Fernand Kolney!
(Rachilde apud *Mercure de France*, t. 53, p. 647, 15 fev. 1905, tradução nossa).

A situação permaneceu acalorada no mês subsequente, quando Jehan Rictus também enviou uma carta à Rachilde, igualmente reproduzida pelo *Mercure de France* na rubrica “Échos”. Nela, Rictus pediu à Rachilde que, “para honrar a verdade”, declarasse que ele não havia influenciado a sua crítica a *Le Salon de Madame Truphot*. Assim, ela respondeu, afirmando a independência de sua crítica:

Não, meu caro Randon, vós não me influenciastes a respeito do que eu disse sobre o *Salon de M^{me} Truphot*. Como vós o teríeis feito, já que nunca vos escuto, nem vejo, o que, no que me concerne, lamento.

Eu escrevi o que pensava sobre esse livro, no grande silêncio de meu escritório, onde não penetram os barulhos do mundo...

Mas o que lamento, também, é ter pronunciado a palavra *responsabilidade* a respeito de Laurent Tailhade, pois todos sabemos, vós, eu e os outros, que se alguém o acusasse de ter roubado as torres de Notre-Dame, ele teria se apressado em reivindicar o gesto, para se divertir às custas do público⁴⁵
(Rachilde apud *Mercure de France*, t. 54, p. 155, 15 fev. 1905, tradução nossa).

Em janeiro de 1906, Rachilde dedicou suas linhas a *Les aubes mauvaises*, de Fernand Kolney. Afirmou que suas ressalvas para com *Salon de M^{me} Truphot* se mantinham, e que esse romance havia sido “condenado” e “mutilado” pela crítica, o que equivalia a ser alvo da Inquisição (Rachilde, *Mercure de France*, t. 59, p. 104, 1 jan. 1906). Anos depois, o *Mercure de France* voltou a falar do caso envolvendo *Le Salon de M^{me} Truphot*, em um ensaio sobre a vida e obra de Laurent Tailhade (Deffoux & Duffay, *Mercure de France*, t. 172, p. 344-365, 1 jun. 1924). Mais uma vez, em julho de 1924, Kolney enviou uma carta à revista, solicitando esclarecimentos sobre o que havia sido dito a respeito de sua obra. Ou seja, o evento midiático ainda não tinha se encerrado.

⁴⁵ « Non, mon cher Randon, vous ne m’avez nullement influencée au sujet de ce que j’ai dit sur le *Salon de M^{me} Truphot*. Comment l’auriez-vous fait puisque je vous ni ne vous entends jamais, ce que je regrette pour mon compte personnel.

J’ai écrit sur ce livre ce que je pensais, dans le grand silence de ma chambre de travail où ne pénètrent point les bruits du monde...

Mais ce que je regrette aussi, c’est d’avoir prononcé le mot de *responsabilité* à propos de Laurent Tailhade, car nous savons tous, vous, moi et les autres, que si quelqu’un l’accusait d’avoir volé les tours de Notre-Dame il s’empresserait de revendiquer le geste, histoire de s’amuser aux dépens de la galerie ».

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Explorar as páginas das *petites revues* francesas do final do século XIX e início do século XX requer a atenção à crítica literária nelas publicadas, o que nos leva, imediatamente, a ter como cerne de pesquisa a produção de uma das figuras centrais do *Mercure de France*: Rachilde.

Em 1905, o *Mercure* passou por importante mudança estrutural, tornando-se uma publicação bimensal, o que nos mostra o seu crescimento e sua consolidação na imprensa francesa. Rachilde, enquanto detentora de uma rubrica nessa publicação, e, também, como peça fundamental de suas sociabilidades, demonstra que sua atuação não se deteve apenas à avaliação puramente estética dos romances que circularam em seu tempo, mas, sobretudo, posicionou-se diante de diferentes temas, retratando as dinâmicas de política e de poder, bem como as redes e as estratégias de legitimação de um período. Como praxe do tipo de periódico em que atuou, esteve às voltas com embates e, como uma mediadora em seu tempo, conseguiu impor sua posição no cenário cultural da *Belle Époque*, vivendo e testemunhando os seus eventos.

REFERÊNCIAS

AL-MATARY, Sarah. À la frontière des « races » : La géographie morale de Maurice Barrès. *Romantisme* : Revue du dix-neuvième siècle. Éditions Armand Colin, 2005/4 n° 130 , p. 95 à 109. Disponível em: <<https://shs.cairn.info/revue-romantisme-2005-4-page-95?lang=fr>>. Acesso em: 12 fev. 2026.

BOIS, Jules. La vie littéraire. *Gil Blas*. Paris, p. 1, 6. col, 5 fev. 1905.

BOURDIEU, Pierre. *Microcosmos*: Teoria dos campos. Tradução de Sergio Miceli Pêsoa de Barros e Clóvis Marques. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2025.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*: gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

CABS, Maurice. Échos. Le Livre du Jour. *Gil Blas*. Paris, 2 nov. 1905, p.1, 3 col.

CHARLE, Christophe. *Paris fin de siècle* : Culture et politique. Paris : Éditions du Seuil, 1998.

DEFFOUX, Léon. DUFFAY, Pierre. Du pastiche et des influences littéraires. Laurent Tailhade. *Mercury de France*. Paris, t. 172, p. 344-365, 1 jun. 1924.

ÉMILE-BAYARD, Jean. *Le Quartier Latin hier et aujourd'hui avec les souvenirs de ses écrivains les plus célèbres*. 2^{ed}. Préface de Gustave Rivet. Illustrations de G. Lorin et F.-A. Cazals. Paris : Jouve et Cie. Éditeurs, 1924.

GLINOER, Anthony. LAISNEY, Vincent. *L'âge des cénacles : Confraternités littéraires et artistiques au XIX^e siècle*. Paris : Fayard, 2013.

GOMES, Angela de Castro. HANSEN, Patrícia Santos. Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política. 1^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOURMONT, Remy de. *Le livre des masques : portraits symbolistes, gloses et documents sur les écrivains d'hier et d'aujourd'hui*. Tome 1. Illust. F. Vallotton. Paris : Société du Mercure de France, 1896.

GOURMONT, Remy de. Notes sur Huysmans : Là-bas et ailleurs. *Mercury de France*. Paris, t. 2, p. 322, jun. 1891.

LAIR, Samuel. Rachilde et ses « *Mercuriales* ». *Studia Romanica Posnaniensia*. Adam Mickiewicz University Press, Poznań, vol. XXXIV: 2007, pp. 231-260.

LEBLOND, Marius-Ary. *La société française sous la Troisième République d'après les romanciers contemporains*. Paris : Félix Alcan, 1905.

LOUÉ, Thomas. Une révolte culturelle : l'entrée en catholicisme de la Revue des Deux Mondes (1895-1906). *Cahiers d'histoire. Revue d'histoire critique* [En ligne], 87 | 2002, mis en ligne le 01 avril 2005, consulté le 19 février 2026. DOI: <<https://doi.org/10.4000/chrhc.1659>>. Disponible em: <<http://journals.openedition.org/chrhc/1659>>. Acesso em: 19 ago. 2026.

MAUCLAIR, Camille. Pelo Exterior. Movimentos das ideias em França. *O Fluminense*. Rio de Janeiro, 25 mar. 1905, p. 2, 1 col.

MERCURE. Échos. *Mercury de France*, Paris, t. 53, p. 645-648, 15 fev. 1905.

MERCURE. Échos. *Mercury de France*, Paris, t. 54, p. 155-160, 1 mar. 1905.

MOLLIER, Jean-Yves. As origens do romance-folhetim: do espaço textual ao recorte de uma obra de ficção. In: *ALEA*. Rio de Janeiro: vol. 20/3, p. 17-36, set-dez. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/alea/a/QKRwyNmGjZGwyMT9GRQFtDP/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 19 ago. 2026.

MOLLIER, Jean-Yves. *Edição, imprensa e poder na França do século XX*. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Editora Fape-UNIFESP; EDUSP, 2015.

- RACHILDE. Les Romans. *Mercure de France*. Paris, t. 53, p. 261, 15 jan. 1905.
- RACHILDE. Les Romans. *Mercure de France*. Paris, t. 53, p. 432, 1 fev. 1905.
- RACHILDE. Les Romans. *Mercure de France*. Paris, t. 54, p. 104, 1 mar. 1905.
- RACHILDE. Les Romans. *Mercure de France*. Paris, t. 54, p. 258, 15 mar. 1905.
- RACHILDE. Les Romans. *Mercure de France*. Paris, t. 54, p. 416, 1 abr. 1905.
- RACHILDE. Les Romans. *Mercure de France*. Paris, t. 54, p. 574, 15 abr. 1905.
- RACHILDE. Les Romans. *Mercure de France*. Paris, t. 55, p. 104-108, 1 maio 1905.
- RACHILDE. Les Romans. *Mercure de France*. Paris, t. 55, p. 411, 1 jun. 1905.
- RACHILDE. Les Romans. *Mercure de France*. Paris, t. 55, p. 413, 1 jun. 1905.
- RACHILDE. Les Romans. *Mercure de France*. Paris, t. 55, p. 414, 1 jun. 1905.
- RACHILDE. Les Romans. *Mercure de France*. Paris, t. 56, p. 432, 1 ag. 1905.
- RACHILDE. Les Romans. *Mercure de France*. Paris, t. 56, p. 585, 15 ag. 1905.
- RACHILDE. Les Romans. *Mercure de France*. Paris, t. 57, p. 107, 15 set. 1905.
- RACHILDE. Les Romans. *Mercure de France*. Paris, t. 57, p. 586, 1 out. 1905.
- RACHILDE]. Les Romans. *Mercure de France*. Paris, t. 59, p. 104, 1 jan. 1906.
- RIO, João do. Camelots. *Correio Paulistano*. São Paulo, 25 maio 1907, p 1, 3 col.
- THÉRENTY, Marie-Ève. Le recueil contre la revue. *Recherches & Travaux* [En ligne], 70 | 2007, mis en ligne le 27 novembre 2008, consulté le 07 février 2026. DOI: <<https://doi.org/10.4000/recherchestravaux.175>>. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/rechtrav/175>>. Acesso em: 19 ago. 2026.
- TUDESQ, André. Revue des Revues Françaises. *La Plume*. Paris, p. 63-63, 1905.
- VALLETTE, Alfred. Le *Mercure de France* bimensuel. *Mercure de France*. Paris, t. 53, p. 5-9, 1 jan. 1905.

Recebido em: 24/02/2026

Aprovado em: 06/07/2026